



relação como a do Filho Jesus, na base do amor e da fidelidade e no empenho pela realização de seu desígnio salvífico, estaremos mais abertos à compreensão do sofrimento e do mal no mundo e mais firmes para combatê-lo e superá-lo. Quando vivermos como Cristo, morreremos como ele e ressuscitaremos com ele e como ele (Rm 6,5-6).

Nesta nova percepção, ressalta-se de tal modo o amor de Deus-Pai a ponto de não ficar clara sua onipotência. O amor do coração do Filho, que faz as obras do Pai, que faz o que vê o Pai fazer (Jo 5,19-20), é dilatado às formas extremas e extremadas de perdão e misericórdia, de carregar sobre si os pecados do mundo, de morrer para não matar. De tal forma dilatado que se pergunta: o que um Deus que ama pode fazer, a não ser amar, amar até o fim (Jo 13,1)? Aí, o seu poder fica na sombra. Aparece menos, embora apareça melhor, porque aparece na forma explícita do amor, que é a essência de Deus (1 Jo 4,8.16). O ser de Deus encobre sua ação, de tal modo que parece um Deus impotente, inativo. Mas quando Deus é, quando se deixa Deus ser Deus, o seu próprio ser faz maravilhas. Porque o seu ser é amor!

Bibliografia

- Feller, V.G., *A revelação de Deus a partir dos excluídos*, Paulus, São Paulo, 1995a.
Feller, V.G., *Os excluídos: lugar da revelação de Deus-Pai*, em *Vida Pastoral*, Paulus, São Paulo, 1995b.
Feller, V.G., *Deus-Pai e os excluídos*, em *Encontros Teológicos* 25, ITESC, Florianópolis, 1998, 66-75.
Forte, B., *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da história*, Paulinas, 1985.
Galvin, J.P., *Jesus Cristo*, em Fiorenza, E.S. e Galvin, J.P., *Teologia Sistemática. Perspectivas católico-romanas*, vol I, 1997.
García Rubio, A., *Unidade na pluralidade*, Paulinas, São Paulo, 1989.
Gozzelino, G., *Vocazione e destino dell'uomo in Cristo*, Elle Di Ci, Turim, 1985.
Lehmann, K., "O diabo, um ser pessoal?", em Kasper, W. e outros, *Diabo, demônios, possessão*, Loyola, São Paulo, 1992.
Morin, D., *O mal e o sofrimento*, Loyola, São Paulo, 1995.
Muñoz, R., *O Deus dos cristãos*, Vozes, Petrópolis, 1987.
Queiruga, A.T., *Recuperar a salvação*, Paulus, 1999.

Endereço do Autor:

Paróquia N. Sra. da Boa Viagem
Rua João Mota Espezim 1023
88045-040 Florianópolis - SC

"A bondade atrai, fascina e encanta, humanamente falando. A bondade é caminho aberto para toda e qualquer solução de problemas ou oposições. Apropriando-nos da bondade do Pai ou sendo imantados por ela, quebram-se as distâncias entre o infinito e o finito, superam-se os abismos assustadores da transcendência. Parece, precisamente, que a bondade com seus correlatos (benevolência, misericórdia, bem-querer e mansidão) abrem os espaços e as condições mais propícias para o encontro com Deus... em clima de confiança, distensão e aceitação."

Deus é Bom

Dom Eusébio Oscar Scheid

Doutor em Teologia, Arcebispo Metropolitano de Florianópolis



No ano em que adoramos, de modo particular, a Pessoa de Deus-Pai, norteando-nos pelo evangelho de Mateus, parece oportuno e bem a propósito tecer algumas considerações a respeito de Deus, enquanto Ser sumamente **bom**, origem, causa e padrão de qualquer bondade criatural. Ser bom, na esteira da bondade divina, será sempre um ideal a ser atingido como a atitude mais condizente com a nossa natureza. Quando isso se dá habitualmente, constantemente, temos a certeza de que é fruto de grande intimidade com Deus, defluente de um amor incontestável a Deus e aos irmãos.

A bondade atrai, fascina e encanta, humanamente falando. A bondade é caminho aberto para toda e qualquer solução de problemas ou oposições. Aprópriando-nos da bondade do Pai ou sendo imantados por ela, quebram-se as distâncias entre o infinito e o finito, superam-se os abismos assustadores da transcendência. Parece, precisamente, que a bondade com seus correlatos (benevolência, misericórdia, bem-querer e mansidão) abrem os espaços e as condições mais propícias para o encontro com Deus... em clima de confiança, distensão e aceitação. Os “braços”, sempre abertos e receptivos de Deus, estão aí à nossa espera, ao aguardo de quem queira lançar-se, arrojá-lo àquele mar infinito de bondade. Pairam como arco-íris de paz, bem no alto e bem próximos de nós, máxime, para quem se encontre perdido nos meandros das trevas, do temor ou do remorso... Bondade não se descreve ou inventa: experimenta-se, vive-se e se degusta.

Por isso, enfocando o que é **bom**, partimos do nosso falar costumeiro, do vocabulário corrente (1); afloramos algumas questões de filosofia mais atinentes ao assunto (2), penetrando, de leve, na Palavra revelada (3). Concluímos com algumas observações sobre nosso lema episcopal (4).

1. Na linguagem corrente

Perlustrando os melhores Dicionários em uso, tais como: o nosso Dicionário do Aurélio, Aulete - Caldas, averiguamos, sem esforço, como é amplo e multiforme o uso do termo **bom**. Por detrás dessa variedade de significados se delineia uma longa experiência, um encontro com a bondade nas mais variegadas formas e situações, como se fora um caudal a descer do



planalto, serpeando por montes e vales, englobando em seu conteúdo a riqueza e beleza das paisagens ribeirinhas.

A experiência diuturna comprova, que **bom** é tudo aquilo que se adequa e ajusta à consecução de determinadas finalidades, ao cumprimento de funções ou missões. O comparativo – melhor – surge como aprimoramento dessas prerrogativas, e o superlativo – ótimo – exalta o seu vértice. Exemplificando, um remédio somente é **bom**, naquela circunstância, em que serve para readquirir ou estabilizar a saúde; melhor ainda, quando preserva do adoecimento ou da recaída; ótimo, quando afasta ou premune qualquer ameaça à própria saúde.

Em âmbito de relacionamento, o adjetivo **bom** entra como componente de toda uma série de qualidades morais, sobressaindo o toque da *gratuidade* e do *encantamento*. O bom amigo passa a ser sinônimo de coração benévolo, compreensivo, indulgente e generoso. Aliás, sublinhar a *bondade* de quem é amigo, de verdade, passa a ser pleonismo, quando não, tautologia.

Em termos de função ou de missão, bom seria sempre o que é executado ou vivido com extremado esmero, com afinco, dedicação e exatidão. Fala-se, assim, de um bom profissional, de um bom jogador, bom músico, excelente marido e professor. O colega de jornada bem cumprida é bom companheiro ou até, excelente chefe, ao nos apoiar e estimular no cumprimento de qualquer tarefa, até das mais espinhosas.

Dinamicamente, demonstra-se **bom** o que propicia resultados satisfatórios, êxitos esperados em vista de objetivos planejados e prefixados: bom trabalho, bom ambiente, bom exercício de aprendizado, bons lucros auferidos. A bondade qualifica-se, assim, na proporção do fim alcançado.

Não raro, no comezinho da vida, a bondade desponta como algo desejável, apetecível e prazeroso: vida boa, boa sorte, boa oportunidade, boa viagem, férias ótimas...

Nesta linha de análise, encontramos o que é **bom** de mil maneiras. Basta estar atentos. O linguajar traduz uma constatação: tudo o que é **bom** está na linha da realização, do agradável, do lado das pessoas que alimentam esperanças, sonham com o lado positivo da vida, rasgam horizontes de otimismo, abrem caminhos para o avanço do porvir.

Bom é tudo aquilo que ajuda, o que favorece, o que alimenta anseios, o que nos torna úteis e agradáveis aos outros. Que **bom!**



2. Bom, em sentido filosófico

Bem longo seria o percurso do pensamento filosófico em torno da bondade, do que é bom e das atitudes que dali decorrem. Assinalamos apenas alguns pontos referenciais.

Para Platão (5º século a. C.) *bom* é o que se basta a si mesmo, baseado no fato de ser perfeito (*teleôton*), já que “a DIVINDADE é essencialmente *boa* e desencadeia tudo o que de bom se possa fazer ou alcançar (Cf. República, II)¹. Parece-nos que essa idéia sobre Deus, origem dinâmica de tudo o que é *bom*, se harmonize com o conceito veterotestamentário de que todo o mundo criado é essencialmente bom, muito bom, porque procede de uma fonte suma e inesgotavelmente boa. O que é bom, pelo fato de ser perfeito em si, chega a ser ponto de atração para outros seres, servindo-lhes de paradigma, modelo ortogênico para atingir o aperfeiçoamento. Desta forma pode falar-se de algo sumamente bom, de pessoa sumamente boa, quando chega a ser o que, ontologicamente, deve ser. Seu agir, conseqüente ao ser, será obviamente bom e almejável.

Mas, o que é bom não pode isolar-se, e a ação boa terá sempre uma conotação relacional. O que é bom para qualquer pessoa mede-se pela proporção em que se ex-pande para beneficiar os semelhantes, originários (par+entes) da mesma Fonte. A intensidade de uma atitude boa afere-se da excelência de seu raio de ação e de sua profundidade, na linha do que é e do que leva a ser.

O que é *bom* em si não só contagia ao mero contacto, mas chega a transformar outros seres a tal ponto que “cria” neles centros de bondade, que os dinamizam e impulsionam ao bem. Surge, espontaneamente, desta forma, um clima conatural de bondade, de resposta recíproca à bondade que escapa a qualquer análise: aninha-se no âmago do ser, no segredo existencial de quem *passa fazendo o bem* (cf At 10,38)...

A lei, em tal contexto, nada mais é do que a explicação do que se deve e almeja ser. Ela é benéfica, sumamente cônsona à natureza, porque remonta à Fonte e conduz a ela, levando como que de “impulso congênito” tudo o que lhe é possibilitado tocar ou alcançar em sua ação: “*O que é do seu agrado faça sempre*”, dirá mais tarde o Divino Mestre.²

Esse conceito de bondade terá, séculos depois de Platão, com a Encarnação da Bondade Eterna³ uma dimensão incomensurável, mais



ampliada pelo que se chama de “*ágape*”: amor gratuito, desinteressado, livre e integrante. Essa “*ágape*” não tolhe o que se é, e possibilita, faculta, o que ainda não se é: “Deus (bondade suma) *omnia in omnibus*”⁴ Quem ama assim, tem o condão de criar, ao redor de si, um clima de bene+volência, bem-querer, talvez amizade... Tem como clímax a disposição, a tendência de desejar e propiciar o desabrochamento, a realização, enfim, a felicidade dos semelhantes. Desaparece qualquer laivo de auto-procura ou auto-promoção. Basta a quem age assim contemplar nos outros o reflexo daquela bondade que é como que um grande rio que flui de uma Fonte única “que não é deste mundo” e nem... pára neste mundo, pois, em seu termo final (*télos*), está a *felicidade*, na acepção de Boécio⁵: posse plena de tudo o que é bom.

Quando se experimenta e se difunde essa característica de *ser bom*, não há mais lugar para desarmonias, dissabores e ressentimentos. É uma como que conatural propensão para a união e unidade. Estabelece-se, gradativamente, uma profunda con+sonância (tudo soa ao mesmo diapasão), passando pela con+cordância (empatia interna) para desembocar na con+córdia: corações, pulsando em ritmo unísono de idéias e de buscas... O supremo ideal da Bondade está sempre além! A familiaridade com pessoas bondosas torna impossível a impostura e o mal-estar. Testemunham os alunos de Edmundo Husserl, de Max Scheler, de Sócrates e outros, que a convivência com eles os transformava, os enobrecia e extasiava. Ideais e personalidades se identificam! Um simples gesto, uma palavra, os ensinamentos, transformavam corações endurecidos e angustiados.⁶

Aristóteles ensina, que a participação na bondade *divina* se restringe a tender para a perfeição de quem lhe é origem e termo. Não explica o como. Até parece, segundo ele, que Deus se desinteressa dessa tendência participativa em sua bondade.

O Pseudo-Dionísio (Séc.V d.C.) vai corrigir ou completar esse conceito, afirmando que todos os seres, enquanto tais, participam *efetivamente* da bondade de Deus. Sua simples existência os “bonifica” e vice-versa: são reais e verídicos na proporção da bondade. Isso não diminui, degrada ou desgasta a bondade divina, que neles se des-dobra e reflete.

Segundo Santo Agostinho, a bondade de Deus *causa* todo o ser e, por essa etiologia, cada um é *bom em si*. Santo Tomás, mais tarde, vai assumir essa mesma idéia, fazendo-a remontar a Aristóteles. Santo Tomás admite uma considerável graduação na bondade das criaturas, consoante o plano do Criador. Existe, além disso, a possibilidade e o “*desideratum*” de que as criaturas se aperfeiçoem - na linha de sua respectiva bondade - por atos e



atitudes, possibilitados e sustentados pela própria bondade divina sob o impulso da Graça. Modernamente, em outra dimensão, há que acentuar ainda, que todo ser (bom em si mesmo) não existe por acaso e ao acaso. Cada ser traz em si uma busca inata de ultra-passagem, que o torna, necessariamente, um itinerante, um ser em busca, “angustiosa”, de bondade maior⁷. Traz em si uma espécie de saudade de “ser melhor”, uma busca que o inquieta, uma ansiedade teleológica, que responde, mais ou menos, à questão: Qual é a razão última de meu ser, sequioso de mais bondade para satisfazer a “*entelécheia*” (finalidade última) que trago dentro de mim? A resposta a essa pergunta vivencial tem-se na doação à comunidade, à totalidade do SER: desdobramento de uma incoercível busca da alteridade – na sua amplitude maior possível – para fugir ao tormento da solidão ou, pior ainda, do isolacionismo, sintomas de irrealização na busca da bondade. Essa busca da finalidade última não dá descanso à criatura até que tenha chegado à Fonte, ou como dizia Santo Agostinho: “Meu coração está inquieto até que descanse em Deus”⁸

3. Bom em sentido revelado:

O adjetivo hebr. *Tob* ou seu feminino *tobah* é um dos vocábulos mais frequentes na Bíblia e vai desde o sentido mais abstrato (*tub*) da bondade, bem-querer, bem-estar até o conceito concreto de *perfume*. Encontra-se com maior frequência nos textos sapienciais, com todas as variantes possíveis do que é *bom*: agradável, portador de alegria, satisfatório, favorável, idôneo, benévolo, clemente, reto, proporcional ao todo, condizente com a pessoa, entre outras.

Interessante é o conceito sapiencial de que *bom* é o que leva a conseguir, com certa facilidade, o escopo almejado ou colocado por Deus. A lei e as normas são boas porque são balizas por onde orientar a vida e caminhar segundo o plano de Deus.

Igualmente, causa admiração o fato de que não poucos autores sagrados relacionem a bondade (hebr. *hesed*) com a fidelidade (*emeth*), com objetivos prefixados. Até parece que a raiz originária, provinda do árabe (*hasada*), apela para o senso comunitário de impetrar socorro para que se possa atingir metas altíssimas e estabelecidas, dentro de um contexto comunitário.

A bondade promana de Deus, como fonte única e irrompe em profusão no céu e na terra⁹. A bondade de Deus é fiel e, como tal é um pressuposto para a confiança.



A bondade até parece inseparável da fidelidade, ao ponto de se entrelaçarem¹⁰: são como águas do mesmo rio que se unem para dimanar na mesma direção.

Para o autor do Livro da Sabedoria, um dos mais claros e fortes reflexos da “luz eterna da sabedoria”, espelho da atividade de Deus, é a bondade, ou por outra, *a bondade reflete a sabedoria de Deus*. Conseqüentemente, sábio será somente aquele que for bom¹¹. Ser mau é ignorância consumada.

Em o Novo Testamento a bondade, *o ser bom*, não perdura apenas como um atributo de Deus ou de quem se lhe assemelhe. A própria Bondade de Deus vem a nós na Pessoa de Jesus¹². Aceitar essa bondade é convite para a mudança, a conversão ou “*metánoia*”: “Desprezas a riqueza de sua bondade, paciência e longanimidade, desconhecendo que a benignidade de Deus te convida à conversão”¹³

A bondade de Deus se demonstra na multiforme graça, concedida a nós em Cristo e prodigalizada como fruto do Espírito Santo¹⁴.

Deus é Bom, de uma bondade única, que se demonstra, acima de tudo, na misericórdia. É como um rio de bondade que inunda a terra.

Deus é essencialmente *bom* e, por conseqüência, tudo o que Ele fez é muito *bom* (Gn 1,31). É este o conteúdo central da narração genesíaca.

4. Conclusões:

Nosso lema episcopal: DEUS É BOM

Quando o Senhor, Deus da *bondade*, nos inspirou a escolher esse lema como respaldo do ministério episcopal, partindo de alguns dados da antropologia existencial, almejávamos algo de dinâmico, operativo e prático.

Aparecia-nos, numa perspectiva histórica da atualidade, o pobre coração humano – o âmago mais profundo da pessoa – como que aos frangalhos, dividido, machucado, contraditório... A unidade e sonhada harmonia interna do homem moderno estava desfeita. Lembranças de angústia, resultantes de desamor, solidão e isolamento pairavam sobre esse coração, tão enaltecido em prosa e verso, mas, contraditoriamente machucado...

Onde e como buscar essa paz, a harmonia e unidade internas, tão distantes da vida real do homem moderno? Voltar às antigas filosofias ou à



concepção veterotestamentária de “*tob*”, aliada à de “*hesed*” e “*emeth*”? Não nos pareceu o caminho mais acertado, embora, a nosso ver, a única força capaz de unir e manter unidos os corações seja a bondade, vivida no dia-a-dia, nos desacertos do amor. Será preciso recolocar o amor, pela bondade, como a “força motora do mundo humano, a razão que governa os homens”⁵.

Encantavam-nos as observações, sempre sábias, do Santo Bispo de Hipona: “O homem não se torna bom por possuir coisas boas, mas por tornar boas as coisas que possui”⁶.

Fomos à escola do Divino Mestre, notadamente, nos Evangelhos Sinóticos, encontrando substanciosas respostas⁷.

O cenário é conhecido: Jesus, o evangelizador itinerante e cigano, acabava de abraçar um grupo de crianças e continuava a sua peregrinação: “Alguém o abordou com uma pergunta franca e objetiva: “O que devo fazer para alcançar a vida eterna?” S. Lucas acrescenta, que se tratava de “alguém, chefe, ou homem de posição”. Estava em jogo uma questão vital que poderia dar um novo rumo à sua vida. O que mais nos interessa é a passagem de Marcos: 10, 17-31. Aquele “certo alguém, bem considerado”, o saúda com um apelativo inusitado: “Ó, BOM MESTRE!”. Jamais um rabino, qualquer que fosse, receberia tal qualificativo. Ele falava com objetividade e inteireza de coração. Não se tratava de um elogio bajulador, talvez com segundas intenções, como aconteceria com os escribas e fariseus (cf. Mt 22,16). Certamente ouvira falar do jeito de ser e de agir de Jesus: de sua piedade e misericórdia com os humildes e pequenos, do seu amor pelos doentes e afaimados, do modo como tratava as crianças e respectivas mães. Por isso, esse modo de falar lhe calha como natural e espontâneo. Contudo, Jesus, atento a tudo, repara neste qualificativo: “Por que me chamas BOM? Afinal, **SÓ DEUS É BOM!**”. Alguns exegetas pensam numa insinuação à própria Divindade do Mestre, para dar força ainda maior ao que iria responder⁸. Diversos Santos Padres (Justino, Irineu, Orígenes) opinam de outra maneira: Jesus levava aquele homem, cheio de boa vontade, a contemplar nos seus gestos nada mais do que um pálido reflexo da Fonte única de bondade: Deus em si mesmo. Daquela fonte promana o devotamento e dedicação aos deserdados da bondade. A bondade de Deus vai demonstrar-se na prática da Lei – é verdade – mas, muito mais radicalmente na Lei Evangélica do desaparego total, da preferência pelos pobres e no seguimento do único Mestre⁹.

Cristo vem a ser o Divino Mágico que conseguirá re-ajustar o coração



partido dos homens em uma unidade perfeita e duradoura. Consegue-o, unicamente, através da força de uma BONDADE que não é desta terra, mas brota do Elo DE BONDADE dele com o Pai: o Espírito Santo. É a Bondade infinita, capaz de superar qualquer esfacelamento ou distância. Cristo executa esse ato unitivo através do gesto máximo do seu amor e da sua bondade, o sacrifício da Cruz: “Ninguém possui (demonstra) maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”²⁰. Dessa doação total e amorosa deriva aquela paz “que o mundo não pode dar” e que é, talvez, o primeiro fruto da Redenção: a tranqüila ordem, estabelecida no coração humano e no Universo.

A nós, pobres seguidores do Mestre, com os corações por vezes também partidos... não nos resta atitude mais lógica e consequente do que a da Samaritana: “BOM MESTRE, dá-nos sempre dessa água” da fonte eterna da tua bondade sem fim! Ajuda-nos, também, a ser BONS!

Notas

¹ É difícil em Platão, por vezes, discernir o que é filosofia, poesia ou conveniência de linguagem, dado o ambiente adverso em que vivia. Numa cultura politeísta, não lhe seria possível falar de um Deus *personal*, único... Seria “heresia” sócio-cultural. Por isso, preferiu usar o expediente dos mitos e das imagens alegóricas: por exemplo, a questão do dualismo, a caverna, o demiurgo. Existem bons estudos a respeito, como os vários escritos de ETIENNE GILSON, CHRISTOPHER STEAD, B. MONDIN e outros.

Quando, na República, Platão fala da Divindade (*theiôtês*), lógico, segundo seu pensamento, seria, simplesmente, falar de Deus: “Deus é essencialmente bom... O SOL, como a bondade, faz com que as coisas existam, sejam conhecidas como *boas*” (*República*, II).

² Cf. Jo 8, 29: Esta afirmativa de Jesus, em discurso dialético com os doutores da Lei, é uma das mais fortes e categóricas. Está num contexto em que Ele evidencia a sua própria *identidade* com o Pai, enquanto natureza divina.

³ Tt 3,4.

⁴ 1 Co 15, 28; Cl 3,11; Ef 4,6.

⁵ Autor de pequenos tratados teológicos e de uma obra filosófica de grande influência na Idade Média: “*De Consolatione Philosophiae*”, escrito como quase-testamento diante do suplício da morte (524). Literalmente considera a felicidade como “status omnium bonorum aggregatione perfectus”.

⁶ Quanto a Husserl e Scheler, veja: Edith STEIN: “*Aus dem Leben einer Jüdischen Familie*”, Ed. Nauwelaerts, Louvain, Cap.7, n.º 1. No tocante a Sócrates, basta ater-nos aos “*Diálogos*” de Platão.



⁷ Esse pensamento foi bem desenvolvido por Gabriel Marcel, notadamente em sua belíssima obra "*Homo Viator*", em resposta ao "*L'Être et le Néant*" de Jean Paul Sartre.

⁸ *Confessionum libri tredecim* ("Confissões"): I, 1.

⁹ Slc 33,5; 103,11.

¹⁰ Ex 34, 6; Sl 40,12;89,15.

¹¹ Sb 7, 2b.

¹² Tt 3,4.

¹³ Rm 2,4.

¹⁴ Ef 2,7; Cl 5,22.

¹⁵ Agostinho: "*De Ordine*", 2,5.

¹⁶ Agostinho: "*Epistolae*", 130, 2,3.

¹⁷ Mt 19, 16-22; Lc 18,18-23; Mc 10,17-22.

¹⁸ Cf. Maldonado e Knabenbauer.

¹⁹ Justino, "*Dialogus*", 51; Irineu: "*Contra Haereses*", V, 20; Origenes: "*In Ioannem*", I, 35; II, 13.

²⁰ Jo 15,13.

Endereço do Autor:
Residência Episcopal
Rua Esteves Junior, 447
88015-530 Florianópolis - SC

O artigo, percorrendo as várias etapas da revelação bíblica, aprofunda a definição que encontramos quase no final do Novo Testamento, numa das cartas do Discípulo Amado - Deus é Amor - e termina refletindo sobre a "graça e responsabilidade" que temos, de saber-nos amados.

Deus é Amor

Dom Murilo S. R. Krieger
Arcebispo de Maringá

